



**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu***

**Especialização em EJA**

*Campus Nilópolis*

**Anselmo Martins Saldanha**

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS REFLEXOS NA EJA:**

uma proposta interdisciplinar

Nilópolis/RJ

2017

Anselmo Martins Saldanha

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS REFLEXOS NA EJA:**

uma proposta interdisciplinar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Nilópolis-RJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra da Silva Viana

Coorientador: Prof. Ms. Rony Pereira Leal

Nilópolis/RJ

2017

## **INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS REFLEXOS NA EJA:** uma proposta interdisciplinar

Anselmo Martins Saldanha

**RESUMO:** O presente trabalho teve por objetivo observar, por meio de diálogos, entrevistas e percepções, o comportamento discente na Educação de Jovens e Adultos, a fim de se desenvolver projetos interdisciplinares promotores de rupturas dos processos de intolerância religiosa e seus reflexos em sala de aula. Neste sentido, buscou-se destacar a possibilidade de construção de um espaço de convivência pacífica em grupo para que o ensino-aprendizagem aconteça de maneira mais eficaz, por meio da adoção de uma postura respeitosa acerca das diferenças presentes na escola e na sociedade, observando e registrando o desenvolvimento do processo didático entre professor-aluno e aluno-aluno antes e após as práticas que envolvem a temática do preconceito religioso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intolerância religiosa; EJA; Interdisciplinaridade.

**ABSTRACT:** The present study aimed to observe, through dialogues, interviews and perceptions, student behavior in the Education of Youths and Adults, in order to develop interdisciplinary projects that promote ruptures of the processes of religious intolerance and its reflexes in the classroom. In this sense, we sought to highlight the possibility of building a space for peaceful coexistence in a group so that teaching and learning can happen more effectively, by adopting a respectful stance on the differences present in school and society, noting and recording the development of the didactic process between teacher-student and student-student before and after the practices that involve the theme of religious prejudice.

**KEYWORDS:** Religious intolerance; EJA; Interdisciplinarity.

### **1 INTRODUÇÃO**

Numa sociedade caracterizada por uma grande diversidade de sujeitos, há de se imprimir um papel de centralidade à questão do respeito, ou à falta dele, tendo em vista a grande aldeia global na qual estamos inseridos e coexistimos, e onde cotidianamente nos relacionamos, tendo em vista os diferentes contextos e relações sociais em que nos encontramos imbricados.

Ao se considerar que uma das situações que mais inibe o homem, principalmente na esfera pública, é o cerceamento de direitos, buscamos, no presente artigo científico, apresentar as concepções, sentidos e resultados de uma proposta interdisciplinar para valorizar as diferenças culturais religiosas e para abarcar os reflexos que a intolerância religiosa traz em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos.

O presente projeto, parte de um estudo de caso de cunho qualitativo, foi realizado no primeiro semestre de 2016, com duas turmas da 8ª e 9ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do turno noturno, de uma escola da rede municipal de São João de Meriti, município da Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, onde o autor desenvolve seu trabalho docente, e dividiu-se em três etapas consecutivas:

Na primeira delas, fizemos, em conjunto com os professores das demais disciplinas, uma revisão na literatura de autores que abordam temas referentes ao objeto da pesquisa; que esclarecem e mostram caminhos possíveis de como trabalhar com a intolerância religiosa; que pontuam os riscos da opressão religiosa; e que mostram que o jovem e o adulto injustiçados socialmente devem ter a cidadania e a crença respeitadas.

Na segunda etapa, fizemos a divisão dos grupos e, partir de então, a elaboração coletiva das atividades - interpretação teatral e das danças religiosas e ecumênicas - e iniciamos os ensaios.

Na terceira e última etapa, ocorreu a culminância, com a apresentação do projeto interdisciplinar para a comunidade escolar, bem como a avaliação coletiva das atividades, *a posteriori*.

Dentre os objetivos específicos deste artigo científico, podemos destacar o fomento junto aos alunos à construção de um espaço de convivência em grupo, dentro e fora da sala de aula; o estímulo à adoção de uma postura respeitosa acerca das diferenças presentes na escola e na sociedade; a análise do desenvolvimento do processo didático entre professor-aluno e aluno-aluno antes e após as práticas que envolveram a temática da intolerância religiosa; e a problematização da ocorrência de episódios de intolerância religiosa e seus reflexos.

Acreditamos que a abordagem transversal da presente temática junto aos sujeitos da EJA, através da utilização de projetos interdisciplinares, envolvendo língua portuguesa, literatura, artes (dança, música e teatro), história, geografia, matemática e educação física, pode contribuir para a problematização acerca da realidade em que se encontram inseridos, tornando-se um recurso atrativo e funcional para se abordar a intolerância religiosa e seus reflexos. Deste modo, busca-se ampliar sua visão de mundo, fazendo-os refletir e, principalmente, dar-lhes autonomia e criticidade, expectativa maior do presente trabalho.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A religião, do latim *re-ligare*, que significa religação com o divino, se constitui em um conjunto de sistemas culturais e de crenças que tende a nos acompanhar, dadas as trocas culturais, sobretudo no âmbito familiar, desde o nascimento.

Como forma de conexão com aquilo que transcende a consciência humana, a religião exerce influência direta no comportamento de uma parcela considerável da sociedade. No entanto, no mundo atual, dada a diversidade, tanto dos sujeitos, quanto das formas de crença religiosa e expressão do sagrado, bastantes pessoas, por não saberem lidar com as diferenças, acabam por destratar as outras, causando danos psicológicos ou físicos, por vezes, irreparáveis.

Tais pessoas já estiveram, estão ou estarão na escola, espaço importante de sociabilidade e representação de todos que por ali passarem, seja criança, jovem ou adulto. As diferenças fazem parte da cultura. Mas o que significa cultura? Segundo Geertz (1989), esta diz respeito a todo comportamento apreendido que independe de transmissão genética. Da Matta (1986) pormenoriza esta ideia, ao afirmar que a cultura é

um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas, e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos, sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações (DAMATTA, 1986, p. 123).

Às opiniões de Geertz (1989) e Da Matta (1986), acrescenta-se a reflexão de Miskolci (2012, p. 15-6), que traz a ideia sobre diversidade e diferença. Para o autor,

o termo “diversidade” é ligado à ideia de tolerância ou de convivência, e o termo “diferença” é mais ligado à ideia de reconhecimento como transformação social, transformação nas relações de poder, do lugar que o Outro ocupa nelas. Quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em questão. Diversidade é “cada um no seu quadrado”, uma perspectiva que compreende o Outro como incomensuravelmente distinto de nós e com o qual podemos conviver, mas sem nos misturarmos a ele. Na perspectiva da diferença, estamos todos implicados(as) na criação desse Outro, e quanto mais nos relacionamos com ele, mais o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará.

Associado ao posicionamento de Miskolci (2012), Silva (2007, p. 73-4) ressalta de forma crítica o uso do termo diversidade, e argumenta que as palavras “diferença” e “multiculturalismo” aparecem na esfera educacional sem muita reflexão acerca de suas implicações. Segundo ele,

em geral, o chamado “multiculturalismo” apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo, essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las?

Com base nas opiniões dos autores, é possível entender a necessidade, a riqueza e, principalmente, a urgência em se trabalhar com a temática da diferença em sala de aula. Dentre suas diversas vertentes (diferença de gênero, raça, idade, linguagem, física, economia, religião, política...), elegemos a religião para abordar os reflexos da intolerância religiosa na Educação de Jovens e Adultos, e para o desenvolvimento de uma atividade de intervenção, através de um projeto interdisciplinar.

## **2.1 Religiosidade e laicidade no Brasil: reflexos na Educação de Jovens e Adultos**

A religião pode ser entendida como uma forma de orientação de conduta e um elemento da cultura brasileira (PRANDI, 2008), além de um espaço de construção de sentidos, o que permite a aquisição de dispositivos que afetarão a construção do mundo social (SETTON, 2008).

No que concerne à crença e à fé, no âmbito de nosso Estado laico, a aceitação do pluralismo religioso permite que a sociedade cresça, já que diferentes pensamentos e conceitos passam a circular nela.

Há, no entanto, algumas contradições no âmago do Estado no que concerne à manutenção da laicidade do Estado: a CF/1988 ter sido promulgada “sob a proteção de Deus”; o crucifixo, artefato de cultos cristãos, ser ostentado no Supremo Tribunal Federal e na maioria das repartições públicas; o estabelecimento de um longo calendário de feriados religiosos, relacionados aos ritos católicos; a definição do currículo de ensino religioso confessional

subsidiado por instituições públicas estaduais; entre outras questões que foram progressivamente naturalizadas, e que, por isto, passam despercebidas por muitos.

O conteúdo abordado no presente trabalho mostra-se em evidência no cenário nacional, ao considerarmos a existência, desde 2004, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; a proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de 2016: "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil"; a aprovação, pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), em agosto/2017, motivada pelo racismo e por ataques a terreiros de umbanda e candomblé, da criação da Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI); e mais recentemente, em setembro/2017, a permissão do Supremo Tribunal Federal (STF), por maioria, ao estabelecimento do ensino religioso confessional nas escolas públicas, já que não havia um encontro entre as normas legais que abarcam o referido ensino, garantido pela Constituição Federal/1988 (CF) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação/1996 (LDB), e as propostas pedagógicas dos Estados.

No entanto, essa última decisão judicial parece-nos especialmente problemática, na medida em que o Estado, em favor da manutenção da laicidade estatal, deveria manter-se neutro e não incentivador de uma determinada crença ou corrente religiosa, ainda que a matrícula na disciplina de ensino religioso nas escolas públicas seja de caráter facultativo.

Ressaltamos que o Estado laico é aquele que nos garante a liberdade de pensamento e que nos protege da hegemonia moral da maioria, conforme consta na CF/1988, em seu Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, quando determina que

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Dentro da sala de aula, assim como fora dela, há um número grande e diverso de culturas, preferências, comportamentos. Lidar com essa heterogeneidade de maneira respeitosa

e convergente é uma tarefa de grandes proporções, que demanda educadores corajosos, que precisam estar preparados para o desafio e a riqueza do pluralismo. Berger e Luckmann (1983) entendem pluralismo como a possibilidade de

[...] coexistência de diferentes ordens de valores e de fragmentos de ordem de valores na mesma sociedade e, com isto, a existência paralela de comunidades de sentido bem diferentes. O estado que resulta desses pressupostos pode ser chamado pluralismo.

Na Educação de Jovens e Adultos, o quadro de preconceito em diversas searas, inclusive a religiosa, é mais alarmante, haja vista que o aluno, na condição de não-criança e membro de determinados grupos culturais, em algum momento foi excluído da escola, tendo, por vezes, internalizado este *modus operandi* às suas condutas cotidianas.

Há, pois, a necessidade de se considerar o lugar social ocupado por esses discentes para refletir a respeito da maneira como esses jovens e adultos pensam e aprendem, para podermos intervir de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem, considerando que a cultura escolar vai além dos conteúdos curriculares, dada a existência de elementos não declarados e poucas vezes incorporados aos discursos e práticas institucionais.

### **3 INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR**

Com o intuito de se transitar livremente entre os saberes das Linguagens, da Matemática, e das Ciências Humanas e da Natureza, derrubando suas fronteiras sob a perspectiva disciplinar, no esforço em se propor respostas às questões complexas, preparamos um projeto interdisciplinar para tratar da intolerância religiosa e seus reflexos na Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com Gallo (2000), a interdisciplinaridade é a tentativa de superação de um processo histórico de abstração do conhecimento, que culmina com a total desarticulação do saber que nossos estudantes (e também nós, professores) experimentam. Ela contribui para minimizar os efeitos perniciosos da compartimentalização dos saberes, considerando as possibilidades diferentes de olhar um mesmo fato, entendendo-se as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento e incentivando uma interação maior entre os alunos, e destes com os professores.

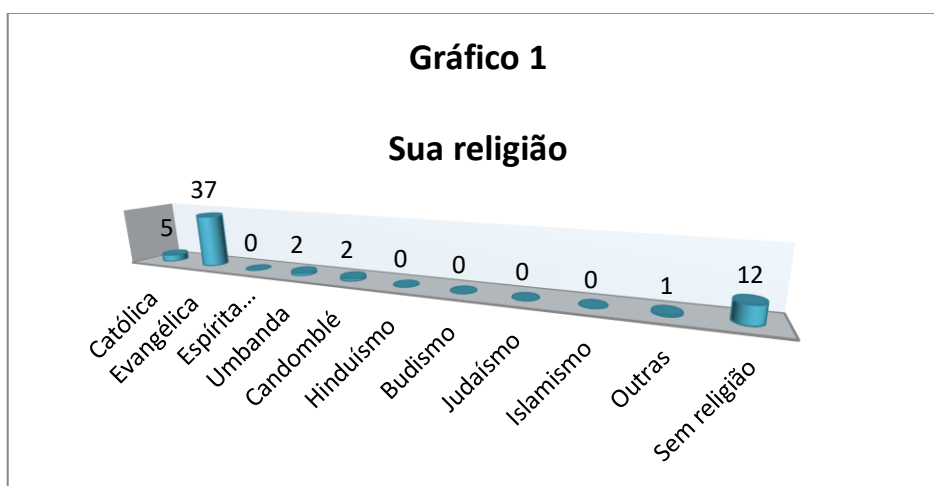
Acreditamos que o trabalho docente interdisciplinar é fundamental no melhor aproveitamento e desenvolvimento discente, contribuindo, também, na redução de qualquer forma de preconceito, em destaque o religioso. Desta forma, corroboramos com Albuquerque



Júnior (2012), quando este afirma que o que aprendemos com a História é, justamente, que tudo que está à nossa volta. Tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens, e, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, “desinventado” e desinvestido pelos próprios homens.

### 3.1 Sobre os sujeitos da pesquisa, seus saberes e percepções

Para darmos início ao projeto interdisciplinar, e no intuito de identificar a orientação religiosa dos sujeitos participantes da pesquisa – 59 alunos, da 8ª e 9ª etapas, da Educação de Jovens e Adultos –, aplicamos um questionário (Anexo), com 17 perguntas que versavam sobre a questão da religião e do preconceito religioso. Com base nos dados obtidos, destacamos três itens que expomos abaixo através de gráficos.



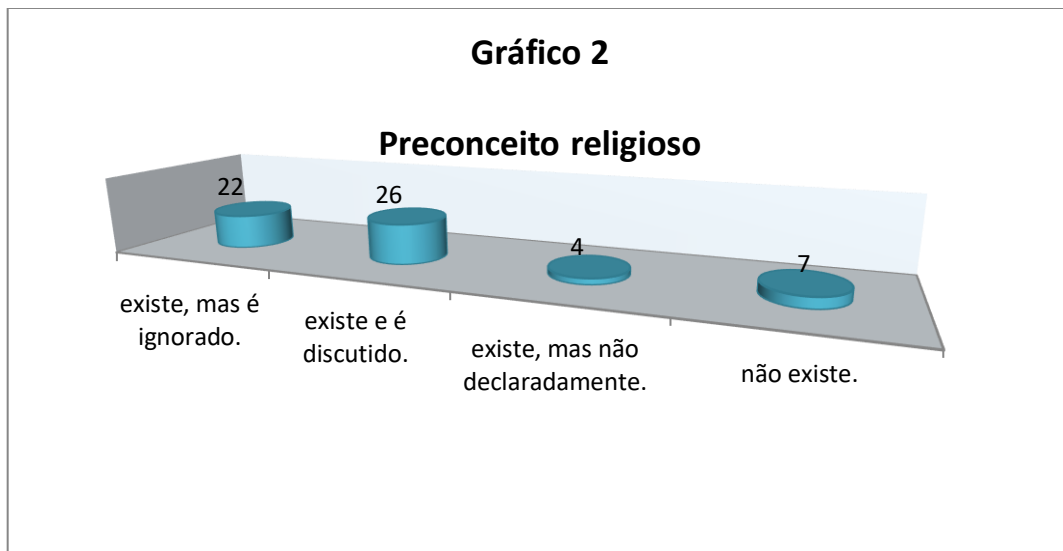
Fonte: Questionário aplicado no turno noturno da escola.

Como foi possível observar no primeiro gráfico, a grande maioria do corpo discente é evangélica (62,71%), segmento religioso muito crescente nas periferias das cidades da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, onde se localiza a Unidade Escolar em que a presente pesquisa foi desenvolvida. Na sequência, vêm os sem religião (20,34%); católicos (8,47%); umbandistas (3,39%); candomblecistas (3,39%); e de outras religiões (1,69%).

Mesmo com toda a preparação prévia a respeito de ensino religioso e tolerância religiosa dentro e fora de sala de aula, como será exposto no item 3.2, na divisão dos grupos, houve, inicialmente, resistência por parte de determinados alunos evangélicos por se responsabilizarem pelas atividades das religiões católica e de matrizes africanas. Inclusive, uma

aluna senhora foi impedida pelo esposo, evangélico, de participar do projeto, devido à intolerância religiosa.

No entanto, a despeito desses episódios pontuais, o processo de construção coletiva do conhecimento transcorreu com fluidez, harmonia e progresso até a sua culminância.



Fonte: Questionário aplicado no turno noturno da escola.

No segundo gráfico, que aborda o preconceito religioso, constatamos que a maioria entende que este existe e é discutido (44,07%); seguidos dos que alegam que existe, mas é ignorado (37,29%). Um número menor (11,86%) de participantes declarou que não existe preconceito na seara religiosa; e a minoria (6,78%) afirma que este existe, mas não de maneira explícita.

Para mapear a realidade do alunado e facilitar o planejamento do projeto interdisciplinar, os alunos também foram questionados sobre terem sido agentes, vítimas ou presenciado algum episódio relacionado ao preconceito religioso no espaço escolar (dentro da escola e da sala de aula), como pode ser constatado nas questões nº 7-11 e 14-15 do Anexo.



Fonte: Questionário aplicado no turno noturno da escola.

Já no terceiro gráfico, quando perguntados se a discussão sobre a intolerância religiosa é um tema importante e que deve ser tratado com prioridade, a maioria entende que ‘sim’ (64,41%), na medida em que afeta a vida de todo brasileiro; outra parte afirma que ‘não’ (18,64%), pois esta é irrelevante, uma vez que vivemos em liberdade religiosa; e os demais não souberam informar (16,95%).

Tais informações foram essenciais para motivar a realização do projeto, considerando que é factual e necessária a abordagem do referido tema, pois mais da metade dos alunos já presenciaram alguma intolerância religiosa, como se pode constatar na questão 9 do Anexo, ora como vítima, ora como agente do preconceito religioso (questões 7 e 8).

### 3.2 Construindo uma ação interdisciplinar

Para a realização do projeto interdisciplinar “Intolerância Religiosa”, os alunos foram divididos em quatro grupos, sendo um para interpretação teatral e três para canto e dança. Com abordagens do catolicismo, protestantismo e matriz afro, buscou-se abordar a discriminação religiosa dentro e fora da sala de aula, no intuito de melhorar a convivência e conscientizar o corpo discente de que o respeito é a base para qualquer relação.

Ao se partir da premissa de que o sujeito da aprendizagem necessita fazer o uso social da leitura e da escrita, inicialmente, foi solicitado à turma um texto narrativo, conteúdo já visto em sala, que abarcasse a intolerância religiosa. Para tal, foi utilizado o discurso direto, familiar,

de até três personagens, que levasse o público a refletir sobre o assunto através da representação cênica, que tratou de uma guerra religiosa dentro de casa abraçada pela tolerância e reconciliação.

Após a realização de pesquisas e debates, subsidiados por textos e vídeos, passamos à produção oral e corporal. Fizemos a condução e orientação dos ensaios de teatro, canto e dança semanalmente, durante um bimestre, com o auxílio da Professora de Educação Física, Jacqueline Inácio da Silva. Utilizamos uma canção católica, “Romaria”, de Renato Teixeira; uma protestante, “Raridade”, de Anderson Freire; uma ecumênica, “Jesus Cristo”, de Roberto Carlos; e duas de matriz africana, “Contos de areia”, de Dedé da Portela e Norival Reis, e “Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá”, de Alemão do Cavaco, Almyr, Cadu, Lacyr D Mangueira, Paulinho Bandolim e Renan Brandão.

Tais momentos foram muito úteis para despertar no alunado suas responsabilidades, habilidades e a descoberta de novos talentos. Todos os cenários, textos, músicas e figurino foram selecionados e confeccionados pelos alunos, que esbanjaram criatividade, liberdade de expressão e, principalmente, graça. Este processo fez com que passassem a valorizar seus saberes e habilidades, reconhecendo-os e compartilhando-os com os, agora, parceiros de criação.

Nesta perspectiva, Terra (2008, p. 5-6) destaca a importância de se fomentar o protagonismo desses sujeitos, a fim de potencializar as ações tanto deles quanto da escola, amplificando seu alcance e atribuições. Segundo a autora,

[...] há um desfocamento do olhar, pela opacidade do tratamento dado aos jovens como meramente alunos, reduzindo a escola ao espaço da instrução. Desse modo, essa última procura negar a multiplicidade de possibilidades formadoras vividas pelos atores sociais, nos seus diversos espaços e tempos, desde a entrada no pátio, a sala de aula, a hora do intervalo. Carece, enfim, da compreensão mais ampliada da escola e dos alunos como sujeitos socioculturais. E, para ampliar o foco visual sobre a juventude na escola, é preciso considerar a dimensão da “experiência vivida”.

Ao longo do processo, foi possível observar que alguns alunos apresentavam problemas com o tema, justamente por terem sido vítimas ou agentes do preconceito abordado. Isso fez desse processo coletivizado de construção uma oportunidade ímpar para esclarecimentos – que vinham, também, por parte dos colegas de sala de aula – visando à promoção de um comportamento mais respeitoso, não só com relação às questões abordadas, mas no direcionamento à construção de uma consciência cidadã.

Com o trabalho em equipe, foram abertas discussões de opiniões a respeito de socialização, solidariedade, consciência, humanidade e direitos para a construção do mundo e de si mesmo. Trouxemos o contexto real das práticas sociais dos discentes para as atividades,

com a intenção de desenvolver suas potencialidades, aproveitando para observar e destacar as normas de produção oral e escrita, variações linguísticas, regionalismos (Língua Portuguesa), história e cultura de diversas regiões brasileiras (História e Geografia), contagem dos percentuais religiosos das turmas, divisão dos grupos e das atividades (Matemática), dança, música e teatro (Artes e Educação Física), regras de convivência entre outras previamente abordadas.

Além de fazê-los aprender e agir criticamente através das atividades trabalhadas, mostramos a importância de se abordar assuntos que, embora considerados deveras polêmicos, eram muito ricos em oportunidades de (re)conhecimento sobre o outro. No processo, foi possível a observação, o destaque e o incentivo da turma com relação às suas aptidões coletivas e individuais.

Silva (2010, p. 75) destaca a importância que a escola exerce na trajetória de vida dos jovens e adultos alunos, quando afirma que ela

é uma das poucas instituições sociais a qual ainda hoje jovens e adultos pobres têm acesso, principalmente aqueles que não se inserem em projetos culturais e ONGs, dentre outros, ou seja, aqueles que não são “jovens de projetos”. É na escola que os jovens vivenciam parte significativa dos seus processos socializadores e constroem redes de sociabilidade.

No processo de ensino-aprendizagem, especialmente na EJA, precisamos – mais do que ouvir – dar voz àqueles que não puderam/tiveram acesso à educação em idade adequada, viabilizando ferramentas para uma participação ativa, autônoma e ética.

### **3.3 Apresentação e análise dos resultados**

Através da execução do presente projeto interdisciplinar, pudemos perceber que o nível da participação em movimentos culturais dos jovens e adultos presentes no processo de escolarização da EJA ainda é mediano, considerando que não houve participação total da turma, seja por timidez, impedimento familiar, ou mesmo por não se entender, a despeito da intervenção pedagógica docente, como pertencentes àquele espaço.

A culminância do projeto se deu na seguinte ordem de apresentações: peça teatral, abarcando discussão familiar sobre diversidade de crença religiosa; danças de canções católica, evangélica, de matriz africana e ecumênica; mostra de talento de um aluno desenhista, através de imagens com apelo à paz; e súplica de todos pelo respeito religioso, com a montagem da palavra “tolerância” soletrada e exposta ao público.

A referida atividade ganhou repercussão pública, a partir da veiculação com destaque de uma imagem do grupo, no *site* e *facebook* da Prefeitura de São João de Meriti, com o seguinte texto: “Show de Talentos ComunicArte encanta o público em Meriti: O município de São João de Meriti teve uma noite de gala com a realização do Show de Talentos ComunicArte [...]”.

Destacamos alguns registros fotográficos para mostrar o quanto foram surpreendentes, proveitosos e pedagogicamente funcionais a experiência e o aprendizado com as atividades artísticas de música, dança e teatro. O objetivo foi alcançado: usar as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Artes, Educação Física e demais conteúdos programáticos como meio de possibilitar ao aluno lidar com valores, com formas de conhecer e respeitar as diferenças.



Foto 1: Ensaio de danças de matrizes africanas com a Professora Jacqueline Inácio da Silva.



Foto 2: Preparação para a apresentação em público e reflexão sobre a intolerância religiosa.



Foto 3: Apresentação de dança com a canção Romaria, de Renato Teixeira, com reverência ao sagrado.



Foto 4: Alunos mostram o respeito entre as religiões brasileiras através de dança.



Foto 5: Alunos encerram o projeto fazendo um apelo ao público pela tolerância religiosa.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou a reflexão sobre as contribuições da interdisciplinaridade para a prática docente, especialmente no que concerne ao viés da valorização das identidades e das diferenças inerentes aos alunos.

O papel do educador de EJA é formar jovens e adultos autônomos, críticos e capazes de se situarem adequadamente em seu meio social, considerando suas experiências, para melhor exercerem sua identidade social. Quando conseguimos fazer com que o aluno da EJA se enxergue como sujeito de direitos, isto lhe garante o exercício de sua alteridade. Assim, independentemente de seus pertencimentos identitários, ele passa a ter condições de exercer sua cidadania de forma plena e comprometida.

Neste sentido, pudemos observar que o estudo das culturas religiosas, nos âmbitos local e nacional, é indispensável para o entendimento de que o preconceito de que é vítima o religioso ou ateu existe, podendo - e devendo - ser trabalhado em todas as suas dimensões. Neste projeto, destacamos a intervenção no espaço escolar, onde os jovens e adultos estão ávidos por aprendizado, o que, como se sabe, vai além do conteúdo programático, permeando o comportamento social e leva a uma reflexão pungente sobre a sociedade e seus sujeitos.

#### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 3. ed. São Paulo: Edições MMM, 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação. *Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

COMUNICARTE encanta o publico em S. J. Meriti. **Prefeitura de São João de Meriti** (@SJMoficial). São João de Meriti, 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://web.facebook.com/SJMoficial>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

DAMATTA, Roberto. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Alexsandra Borges; FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da.(Org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*, organização, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, 1 ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn.(org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, 14 ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

LEITE JÚNIOR, Jorge; MISKOLCI, Richard.(Org.). *Diferenças na educação: outros aprendizados*, organização, São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Socialização e cultura: ensaios teóricos*. São Paulo: Annablume, 2012.

TERRA, Denise Cordeiro. *Juventude na EJA*. Disponível em: <<http://www.labeduimagem.pro.br>>. Acesso em: 24/ fev. 2008.

## ANEXO

Questionário com respostas sobre Diversidade Religiosa aplicado às turmas de 8ª e 9ª etapas da Educação de Jovens e Adultos, do turno noturno, em que foram ouvidos 59 alunos:

### 1. Idade

De 15 a 25 anos = 45 alunos

De 26 a 40 anos = 6 alunos

De 41 a 55 anos = 5 alunos

Acima de 55 anos = 3 alunos

### 2. Gênero

Masculino = 28 alunos

Feminino = 31 alunos

Outro = 0 aluno

### 3. Em relação à cor da pele, você se considera

Branco = 12 alunos

Pardo = 37 alunos

Preto = 10 alunos

Amarelo (oriental) = 0 aluno

Vermelho (indígena) = 0 aluno

### 4. Etapa da EJA

8ª etapa = 30 alunos

9ª etapa = 29 alunos

### 5. Sua religião

Católica = 5 alunos

Evangélica = 37 alunos

Espírita Kardecista = 0 aluno

Umbanda = 2 alunos

Candomblé = 2 alunos

Hinduísmo = 0 aluno

Budismo = 0 aluno

Judaísmo = 0 aluno

Islamismo = 0 aluno

Outras = 1 aluno

Sem religião = 12 alunos

### 6. Preconceito religioso

existe, mas é ignorado. = 22 alunos

existe e é discutido. = 26 alunos

existe, mas não declaradamente. = 4 alunos

não existe. = 7 alunos

7. Já sofreu algum tipo de preconceito religioso?

Sim = 21 alunos

Não = 38 alunos

8. Já cometeu algum tipo de preconceito religioso?

Sim = 16 alunos

Não = 43 alunos

9. Já presenciou alguma intolerância religiosa?

Sim = 36 alunos

Não = 23 alunos

10. Na E.M. Dr. João Alves Martins, há divisão devido à religião?

Sim = 14 alunos

Não = 45 alunos

11. Em seu ambiente escolar, há diferenças no tratamento devido à religião?

Sim = 8 alunos

Não = 51 alunos

12. O Brasil é um Estado laico (sem religião oficial). Considera isso importante?

Sim = 36 alunos

Não = 23 alunos

13. A discussão sobre intolerância religiosa é importante e deve ser tratada com prioridade?

Sim, na medida em que afeta a vida de todo brasileiro e a construção de sua identidade. = 38 alunos

Não pois é irrelevante e vivemos em liberdade religiosa. = 11 alunos

Não sei informar. = 10 alunos

14. Existe algum tipo de preconceito religioso na sua escola?

Sim = 28 alunos

Não = 31 alunos

15. Existe algum tipo de preconceito em sua sala de aula?

Sim = 27 alunos

Não = 32 alunos

16. O preconceito mais frequente na sua escola está relacionado a

Raça = 9 alunos

Idade = 4 alunos

Orientação sexual = 16 alunos

Moda = 2 alunos

Classe Social = 2 alunos

Religião = 6 alunos

Outros = 20 alunos

17. Qual assunto referente à diversidade você gostaria que fosse abordado na escola?

Etnia = 2 alunos

Religião = 15 alunos

Orientação sexual = 16 alunos

Cultura indígena = 2 alunos

Cultura africana = 5 alunos

Cultura europeia = 0 aluno

Outros = 19 alunos